

ROBERTO BOLAÑO

# O Terceiro Reich

*Tradução*

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Espólio de Roberto Bolaño  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
El Tercer Reich

*Capa*  
warrakloureiro

*Imagem de capa*  
Sem título (1995), óleo sobre tela de Rodrigo Andrade, 190 × 220 cm.

*Preparação*  
Sílvia Massimini Felix

*Revisão*  
Huendel Viana  
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bolaño, Roberto  
O Terceiro Reich / Roberto Bolaño ; tradução Eduardo Brandão.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: El Tercer Reich  
ISBN 978-85-359-1785-7

1. Ficção chilena I. Título.

---

10-12008

CDD-861

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura chilena 861

[2011]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707 3500  
Fax (11) 3707 3501  
www.companhiadasletras.com.br

*Às vezes nos entretemos com vendedores ambulantes, outras com veranistas, e dois meses atrás até pudemos condenar um general alemão a vinte anos de cadeia. Chegou a passeio com sua esposa, e só minha arte o salvou da forca.*

Friedrich Dürrenmatt, *A pane*

# Sumário

20 de agosto,	11
21 de agosto,	18
22 de agosto,	31
23 de agosto,	42
24 de agosto,	52
25 de agosto,	63
26 de agosto,	72
27 de agosto,	82
28 de agosto,	96
29 de agosto,	119
30 de agosto,	132
31 de agosto,	139
1º de setembro,	146
2 de setembro,	152
3 de setembro,	159
4 de setembro,	162
5 de setembro,	168
6 de setembro,	176

7 de setembro, 184  
8 de setembro, 200  
9 de setembro, 203  
10 de setembro, 211  
11 de setembro, 220  
12 de setembro, 228  
Primavera de 1942, 232  
14 de setembro, 235  
Anzio. Fortress Europa. Omaha Beachhead.  
    Verão de 1942, 247  
Com o Lobo e o Cordeiro, 251  
Meus generais favoritos, 265  
Outono de 1942. Inverno de 1942, 269  
17 de setembro, 275  
18 de setembro, 283  
19 de setembro, 291  
20 de setembro, 297  
21 de setembro, 309  
22 de setembro, 315  
23 de setembro, 320  
24 de setembro, 323  
25 de setembro. Bar Casanova. La Jonquera, 328  
30 de setembro, 330  
Ingeborg, 332  
Hanna, 333  
20 de outubro, 334  
Von Seeckt, 335  
Frau Else, 336  
O congresso, 337

## 20 de agosto

Pela janela entra o rumor do mar mesclado com os risos dos últimos noctâmbulos, um ruído que talvez seja o dos garçons recolhendo as mesas do terraço, de vez em quando um carro que circula com lentidão pelo Passeio Marítimo e zumbidos apagados e inidentificáveis que proveem dos outros quartos do hotel. Ingeborg dorme; seu rosto parece o de um anjo cujo sono nada perturba; na mesinha de cabeceira há um copo de leite que ela não provou e que agora deve estar morno, e junto do seu travesseiro, meio coberto pelo lençol, um livro do detetive Florian Linden do qual leu apenas um par de páginas antes de adormecer. Comigo acontece exatamente o contrário: o calor e o cansaço tiram meu sono. Geralmente durmo bem, entre sete e oito horas por dia, embora muito raras vezes me deite cansado. Pelas manhãs acordo fresco como uma alface e com uma energia que não decai ao cabo de oito ou dez horas de atividade. Que me lembre, foi sempre assim; faz parte da minha natureza. Ninguém me inculcou isso, simplesmente sou assim e com isso não quero dizer que seja melhor ou pior que os outros; a própria Ingeborg, por

exemplo, sábado e domingo não se levanta antes do meio-dia, e durante a semana só uma segunda xícara de café e um cigarro conseguem acordá-la totalmente e empurrá-la para o trabalho. Esta noite, porém, o cansaço e o calor tiram meu sono. Também a vontade de escrever, de registrar os acontecimentos do dia, me impede de ir para a cama e apagar a luz.

A viagem transcorreu sem nenhum percalço digno de nota. Paramos em Estrasburgo, uma bonita cidade, que eu já conhecia. Comemos numa espécie de supermercado à beira da estrada. Na fronteira, ao contrário do que haviam nos avisado, não tivemos de fazer fila nem esperar mais de dez minutos para passar para o outro lado. Tudo foi rápido e eficiente. A partir daí eu dirigi, pois Ingeborg não confia muito nos motoristas nativos, creio que devido a uma experiência ruim numa estrada espanhola, anos atrás, quando ainda era menina e vinha de férias com seus pais. Além do mais, como é natural, estava cansada.

Na recepção do hotel fomos atendidos por uma moça muito jovem, que se vira bastante bem em alemão, e não houve nenhum problema para encontrar nossas reservas. Tudo estava em ordem e quando íamos subindo avistei Frau Else no salão de refeições; reconheci-a de imediato. Arrumava uma mesa enquanto indicava algo a um garçom que, a seu lado, segurava uma bandeja cheia de potinhos de sal. Usava um vestido verde e no peito trazia enganchado o crachá metálico com o emblema do hotel.

Os anos mal a tinham tocado.

A visão de Frau Else me levou a evocar os dias da minha adolescência com suas horas sombrias e suas horas luminosas; meus pais e meu irmão lanchando no terraço do hotel, a música que às sete da tarde os alto-falantes do restaurante começavam a espalhar pelo andar térreo, os risos sem sentido dos garçons e as turmas que se organizavam entre rapazes da minha idade para nadar de noite ou ir às discotecas. Naquela época qual era minha

canção favorita? Cada verão havia uma nova, algo parecida com a do ano anterior, cantarolada e assobiada até a saciedade e com a qual todas as discotecas do vilarejo costumavam encerrar a noite. Meu irmão, que sempre foi exigente em matéria musical, selecionava com esmero, antes de começar as férias, as fitas que iriam acompanhá-lo; eu, pelo contrário, preferia que o acaso pusesse em meus ouvidos uma melodia nova, inevitavelmente a canção do verão. Bastava-me ouvi-la duas ou três vezes, por mero acaso, para que suas notas me seguissem ao longo dos dias ensolarados e das novas amizades que iam engalanando nossas férias. Amizades efêmeras, vistas da minha ótica atual, concebidas somente para afugentar a mais ínfima suspeita de tédio. De todos aqueles rostos apenas uns poucos perduram na minha memória. Em primeiro lugar, Frau Else, cuja simpatia me conquistou desde o início, o que me valeu ser o alvo das piadas e gozações de meus pais, que chegaram até a caçar de mim em presença da própria Frau Else e do seu marido, um espanhol cujo nome não lembro, fazendo alusões a supostos ciúmes e à precocidade dos jovens, que conseguiram me deixar vermelho até a raiz dos cabelos e que em Frau Else despertaram um terno sentimento de camaradagem. A partir de então acreditei ver em seu modo de me tratar um calor maior que o dispensado ao resto da minha família. Também, mas num nível distinto, José (se chamava assim?), um garoto da minha idade que trabalhava no hotel e que nos levou, a meu irmão e a mim, a lugares onde sem ele nunca teríamos posto os pés. Quando nos despedimos, talvez adivinhando que não passaríamos o próximo verão no Del Mar, meu irmão lhe deu umas fitas de rock e eu, meu jeans velho. Dez anos se passaram e ainda me lembro das lágrimas que de repente saltaram de José, com as calças dobradas numa mão e as fitas na outra, sem saber o que fazer ou dizer, murmurando num inglês de que meu irmão constantemente debochava: adeus, queridos amigos,



adeus, queridos amigos etc., enquanto dizíamos a ele em espanhol — idioma que falávamos com certa fluência, não à toa nos-  
sos pais passavam havia anos as férias na Espanha — que não se preocupasse, que no próximo verão voltaríamos a estar juntos como os Três Mosqueteiros, que parasse de chorar. Recebemos dois cartões-postais de José. Respondi, em meu nome e no de meu irmão, ao primeiro. Depois o esquecemos e dele nunca mais se soube. Houve também um rapaz de Heilbronn chamado Erich, o melhor nadador da temporada, e uma tal de Charlotte, que preferia tomar sol comigo apesar de meu irmão estar doidinho por ela. Caso à parte é a pobre tia Giselle, irmã mais nova da minha mãe, que nos acompanhou durante o penúltimo verão que passamos no Del Mar. Tia Giselle amava acima de tudo as touradas, e sua voracidade por esse tipo de espetáculo não tinha limites. Lembrança indelével: meu irmão dirigindo o carro do meu pai com inteira liberdade, eu, a seu lado, fumando sem que ninguém me dissesse nada, e tia Giselle no banco de trás contemplando extasiada os penhascos cobertos de espuma abaixo da estrada e o verde-escuro do mar, com um sorriso de satisfação em seus lábios tão pálidos, e três pôsteres, três tesouros, em seu colo, que atestavam que ela, meu irmão e eu havíamos nos encontrado com três grandes figuras do toureio na praça de touros de Barcelona. Meus pais certamente desaprovavam muitas das ocupações a que tia Giselle se entregava com tanto fervor, do mesmo modo que não lhes agradava a liberdade que ela nos concedia, excessiva para crianças, segundo a maneira de eles verem as coisas, embora eu na época beirasse os catorze anos. Por outro lado, sempre desconfiei de que nós é que cuidávamos da tia Giselle, tarefa que minha mãe nos impunha sem que ninguém se desse conta, de forma sutil e repleta de apreensão. Seja como for, tia Giselle só passou conosco um verão, o anterior ao último em que nos hospedamos no Del Mar.

É pouco mais o que lembro. Não esqueci as risadas nas mesas do terraço, os supercanecos de cerveja que se esvaziavam ante meu olhar de assombro, os garçons suarentos e obscuros encafuados num canto do bar conversando em voz baixa. Imagens avulsas. O sorriso feliz e os repetidos gestos de assentimento do meu pai, uma oficina onde alugavam bicicletas, a praia às nove e meia da noite, ainda com uma tênue luz solar. O quarto que então ocupávamos era diferente deste em que estamos agora; não sei se melhor ou pior, diferente, num andar mais baixo, e maior, suficiente para que coubessem quatro camas, e com uma sacada ampla, de frente para o mar, onde meus pais costumavam se instalar de tarde, depois de almoçar, para jogar infinitas partidas de baralho. Não tenho certeza se tínhamos banheiro privado ou não. Provavelmente alguns verões sim, outros não. Nosso quarto atual, sim, tem banheiro próprio, e além disso um bonito e espaçoso closet, e uma enorme cama de casal, e tapetes, e uma mesa de ferro e mármore na sacada, e um jogo duplo de cortinas, as internas de tecido verde muito fino ao tato e as externas de madeira pintada de branco, muito modernas, e luzes diretas e indiretas, e alto-falantes bem dissimulados que com um simples apertar de botão transmitem música em frequência modulada... Não há dúvida, o Del Mar progrediu. A concorrência, a julgar pela rápida olhada que pude dar do carro enquanto íamos pelo Passeio Marítimo, também não ficou para trás. Há hotéis de que não me lembrava e os edifícios de apartamentos cresceram nos antigos terrenos baldios. Mas tudo isso são especulações. Amanhã procurarei falar com Frau Else e sairei para dar uma volta pelo vilarejo.

Eu também progredi? Claro: antes não conhecia Ingeborg e agora estou com ela; minhas amizades são mais interessantes e profundas, por exemplo Conrad, que é como um irmão para mim e que lerá estas páginas; sei o que quero e tenho uma pers-

pectiva mais ampla; sou economicamente independente; ao contrário do que sempre acontecia nos anos de adolescência, hoje nunca fico entediado. Sobre a falta de tédio, Conrad diz que é a prova de ouro da saúde. Minha saúde, de acordo com isso, deve ser excelente. Sem pecar por excesso, creio que estou no melhor momento da minha vida.

Em grande medida a responsável por essa situação é Ingeborg. Encontrá-la foi a melhor coisa que me aconteceu. Sua doçura, sua graça, a suavidade com que olha para mim fazem com que o resto, meus esforços cotidianos e as rasteiras que me dão os invejosos adquiram outra proporção, a justa proporção que me permite enfrentar os fatos e vencê-los. Em que terminará nossa relação? Digo isso porque as relações entre casais jovens são hoje tão frágeis. Não quero pensar muito nisso. Prefiro a amabilidade; gostar e cuidar dela. Claro, se acabarmos nos casando, tanto melhor. Uma vida inteira ao lado de Ingeborg, que mais eu poderia pedir no plano sentimental?

O tempo dirá. Por ora seu amor é... Mas não façamos poesia. Estes dias de férias também serão dias de trabalho. Vou pedir a Frau Else uma mesa maior, ou duas mesas pequenas, para montar os tabuleiros. Só de pensar nas possibilidades que minha nova abertura proporciona e nos diferentes desenvolvimentos alternativos que podem se seguir me dá vontade de montar o jogo agora mesmo e tratar de verificá-los. Mas não vou fazer isso. Só tenho corda para escrever mais um pouco; a viagem foi longa e ontem mal dormi, em parte porque era a primeira vez que Ingeborg e eu passaríamos férias juntos e em parte porque eu voltaria a pisar no Del Mar depois de dez anos de ausência.

Amanhã tomaremos café no terraço. A que horas? Suponho que Ingeborg se levantará tarde. Havia um horário fixo para o café da manhã? Não me lembro; creio que não; em todo caso

também podemos tomá-lo num café no interior do vilarejo, um lugar antigo que estava sempre cheio de pescadores e turistas. Com meus pais, costumávamos fazer todas as refeições no Del Mar e nesse café. Será que fechou? Em dez anos acontecem muitas coisas. Espero que ainda esteja aberto.